

TALES FARIA

Jornalista e comentarista de política

Carta de Flávio aos EUA assusta

Depois de se ver obrigado a tentar contornar os problemas com o eleitorado feminino, causados por sua briga com Michelle Bolsonaro, o candidato do PL à Presidência da República, senador Flávio Bolsonaro (RJ), agora terá que driblar insatisfações em outro grupo fundamental para sua campanha eleitoral, a chamada Faria Lima. Motivo: a carta que enviou na quarta-feira 02 ao Escritório do Representante Comercial dos Estados Unidos (USTR, na sigla em inglês).

No documento ele pediu o adiamento do tarifaço dos EUA contra o Brasil e – para ativar o desejo de Donald Trump de dominação sobre a América Latina – sugeriu que está disposto a colocar um fim no Mercosul.

Flávio Bolsonaro oferece ainda vantagens comerciais aos EUA, como a eliminação de tarifas para o etanol e a redução da carga tributária de empresas de cartão de crédito. E propõe um “compromisso legislativo”, ou seja, uma lei brasileira, determinando que o Pix não será conectado a arranjos “não ocidentais” — numa referência à China.

Essa limitação ao pix tende a desagradar a toda cadeia de comércio voltada para o mercado interno agora, e para o futuro do mercado externo, na medida em que se abram novas fronteiras para os produtos brasileiros.

Também a sugestão de acabar com o Mercosul é hoje assustadora para diversos setores da economia.

A Fiesp (Federação das Indústrias de São Paulo), por exemplo, que já foi contrária ao acordo comercial com os países latino-americanos, recebeu com entusiasmo o acordo de livre-comércio do bloco latino com os europeus.

Embora reconheça que o tratado não seja perfeito, a entidade avalia que ele é um marco para ampliar a segurança jurídica, facilitar o comércio de serviços e integrar o Brasil nas cadeias globais de valor.

O agronegócio brasileiro, então, vê os acordos do Mercosul com a Europa e os países asiáticos como decisivos para aumentar a comercialização dos nossos produtos do campo. As empresas de mineração, idem.

Para esses setores, o comércio com os EUA é importante, mas a diversificação voltada para a Ásia e a Europa, juntas, hoje é considerada essencial, indispensável.

A carta de Flávio Bolsonaro é quase assustadora quando vista como uma espécie de programa de governo, ao acenar com um foco absoluto na relação com os norte-americanos. Seria uma volta ao passado na política comercial internacional do Brasil.

Para piorar, Flávio pede na carta não o fim, mas apenas o adiamento do tarifaço contra o Brasil para depois das eleições (180 a 270 dias), e propõe o retorno “automático” das tarifas caso o atual governo brasileiro não se engaje, de boa-fé, nas negociações. “O governo atual teria esse período para se engajar em negociações de boa-fé, sem a perspectiva de dividendos eleitorais, ou enfrentaria as consequências da retomada dessas ações”, disse, acrescentando:

“No caso de uma vitória da oposição, o presidente eleito nomearia imediatamente um negociador para conduzir as negociações adiante, também de boa-fé” com os EUA.

Assim como teve que se explicar e até pedir desculpas públicas à Michelle Bolsonaro, muito provavelmente Flávio precisará gastar saliva junto ao empresariado para convencer de que a carta é apenas um texto de campanha e não um presságio sobre o que seria seu governo.

ARISTÓTELES DRUMMOND

Jornalista e escritor

Ciro Gomes visto e desconhecido

Um dos mais conhecidos políticos em atividade no Brasil é o candidato a governador do Ceará, o ex-governador César Cals, ministro das Minas e Energia do governo Figueiredo e respeitado homem público. Dali seguiu para o PMDB, depois acompanhou Tasso Jereissati na fundação do PSDB, mudou para o partido que sucedeu o partido, foi para o PDT e agora voltou ao PSDB, embora não tenha dado sua palavra sobre a eventual candidatura de Aécio Neves na alternativa mais ao centro. Este ponto realmente é uma marca que gera insegurança nos políticos, que prezam muito a lealdade e a gratidão.

Outra marca é, mesmo com coragem e franqueza, usar demais a sua “metralhadora giratória” atacando a torto e a direito, o que gera rejeições obviamente. E, por fim, não se assume de centro ou centro-direita, que é o perfil do

Ciro gestor, de sua visão da uma economia mais aberta e receptiva ao capital gerador de bons empregos e a visão de gestor de obras que atendam ao conjunto da sociedade, e não a aspirações paroquiais. Possui bom senso compatível com o interesse público, mas tem mania de dizer que é de esquerda quando até Lula afirma que nunca foi de esquerda.

Realmente a redemocratização não abriu para talentos, gente preparada e equilibrada, de espírito público, seja de direita, esquerda ou centro-democrático, que parece ser a cabeça da sociedade brasileira.

Que o exemplo de

ex-governador César Cals, ministro das Minas e Energia do governo Figueiredo e respeitado homem público. Dali seguiu para o PMDB, depois acompanhou Tasso Jereissati na fundação do PSDB, mudou para o partido que sucedeu o partido, foi para o PDT e agora voltou ao PSDB, embora não tenha dado sua palavra sobre a eventual candidatura de Aécio Neves na alternativa mais ao centro. Este ponto realmente é uma marca que gera insegurança nos políticos, que prezam muito a lealdade e a gratidão.

Outra marca é, mesmo com coragem e franqueza, usar demais a sua “metralhadora giratória” atacando a torto e a direito, o que gera rejeições obviamente. E, por fim, não se assume de centro ou centro-direita, que é o perfil do

Ciro gestor, de sua visão da uma economia mais aberta e receptiva ao capital gerador de bons empregos e a visão de gestor de obras que atendam ao conjunto da sociedade, e não a aspirações paroquiais. Possui bom senso compatível com o interesse público, mas tem mania de dizer que é de esquerda quando até Lula afirma que nunca foi de esquerda.

Realmente a redemocratização não abriu para talentos, gente preparada e equilibrada, de espírito público, seja de direita, esquerda ou centro-democrático, que parece ser a cabeça da sociedade brasileira.

Que o exemplo de

EDITORIAL

Carros elétricos em alta. Infraestrutura em baixa

O crescimento das vendas de veículos elétricos no Brasil representa uma mudança importante na mobilidade urbana e na forma como a sociedade encara a sustentabilidade. Incentivados por novas tecnologias, maior oferta de modelos e custos de operação mais baixos, esses automóveis deixam de ser um nicho para ocupar espaço crescente nas ruas. Entretanto, a velocidade dessa transformação não encontra correspondência no planejamento da infraestrutura urbana, especialmente nos estacionamentos de condomínios, centros comerciais, supermercados, hotéis e edifícios corporativos.

Enquanto o mercado automotivo acelera, boa parte do setor imobiliário e dos estabelecimentos comerciais continua presa a um modelo concebido para veículos exclusivamente movidos a combustíveis fósseis. A instalação de pontos de recarga ainda é tratada como diferencial, quando deveria ser encarada como uma necessidade iminente. O resultado é um cenário contraditório: consumidores investem em tecnologia limpa, mas encontram dificuldades para recarregar seus veículos durante atividades rotineiras, como trabalhar, fazer compras ou frequentar espaços de lazer.

Essa ausência de planejamento revela uma visão de curto prazo. Novos empreendimentos continuam sendo entregues sem infraestrutura elétrica adequada para suportar carregadores, obrigando futuras adaptações que serão mais caras e complexas. Nos condomínios já existentes, síndicos e administradoras enfrentam dúvidas técnicas e jurídicas que poderiam ser minimizadas por normas mais claras e incentivos específicos.

O problema não está apenas na oferta insuficiente de eletropostos em rodovias ou vias públicas. A verdadeira oportunidade encontra-se nos estacionamentos privados, locais onde os veículos permanecem por horas. Um shopping center, por exemplo, pode transformar o tempo de permanência do cliente em tempo de recarga. O mesmo vale para edifícios comerciais, universidades, hospitais e condomínios residenciais. A ausência dessa estrutura representa uma perda tanto para o consumidor quanto para o próprio empreendimento, que deixa de agregar valor ao serviço oferecido.

O Brasil possui potencial para liderar a eletrificação da mobilidade, impulsionado por uma matriz energética predominantemente renovável. Contudo, essa vantagem competitiva será desperdiçada se a expansão dos veículos elétricos continuar desacompanhada de políticas públicas, incentivos regulatórios e investimentos privados em infraestrutura.

OPINIÃO DO LEITOR

Respeito mundial

Com a eliminação da Alemanha, o Brasil segue como o maior campeão das Copas. A coroa está segura! O topo segue verde e amarelo! Vamos que vamos Brasil, ao hexa campeão!

José Ribamar Pinheiro Filho, Brasília - Distrito Federal

Contribuições por e-mail: endereco@correiodamanha.net.br

Correio da Manhã

FUNDADO EM 15 DE JUNHO DE 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) | Paulo Bittencourt (1929-1963) | Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

www.correiodamanha.com.br

Publisher
CLÁUDIO MAGNAVITA
redacao@correiodamanha.com.br

REDAÇÃO

Afonso Nunes (editor #cm 2) Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

EDITORIA DE ARTE

Coordenação: José Adilson Nunes (projeto gráfico); Diagramação: Anderson Sá, Ricardo Gomes (projeto gráfico) e Thiago Ladeira - Marcos Lima (Gestor de TI)

TELEFONES

(21) 2042 2955 Whatsapp: (21) 97948-0452 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

RIO DE JANEIRO
Av. João Cabral de Mello Neto
850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP
22775-057

BRASÍLIA
ST SIBSQuadra 2 conjunto B
Lt 10 - Nucleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-20

SÃO PAULO
Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317,
Água Branca - São Paulo-SP, - CEP 05001-200
Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51,
Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal